

# No Palácio às moscas, Sarney começa verão como quem hiberna

Wilson Pedrosa — 08/05/89

*Agenda reduzida  
ilustra o final  
de seu governo*

*Thaís de Mendonça*

**B**RASÍLIA — Quatorze dias de férias no Maranhão trouxeram de volta um presidente da República corado, sorridente e dois quilos e meio mais gordo. Este ano, José Sarney já não mereceu as manchetes dos jornais — como há um ano —, quando suas declarações sobre o tratamento igual a ser dado aos prefeitos de todo o país e sua intenção de fazer uma grande reforma administrativa ainda tinham crédito.

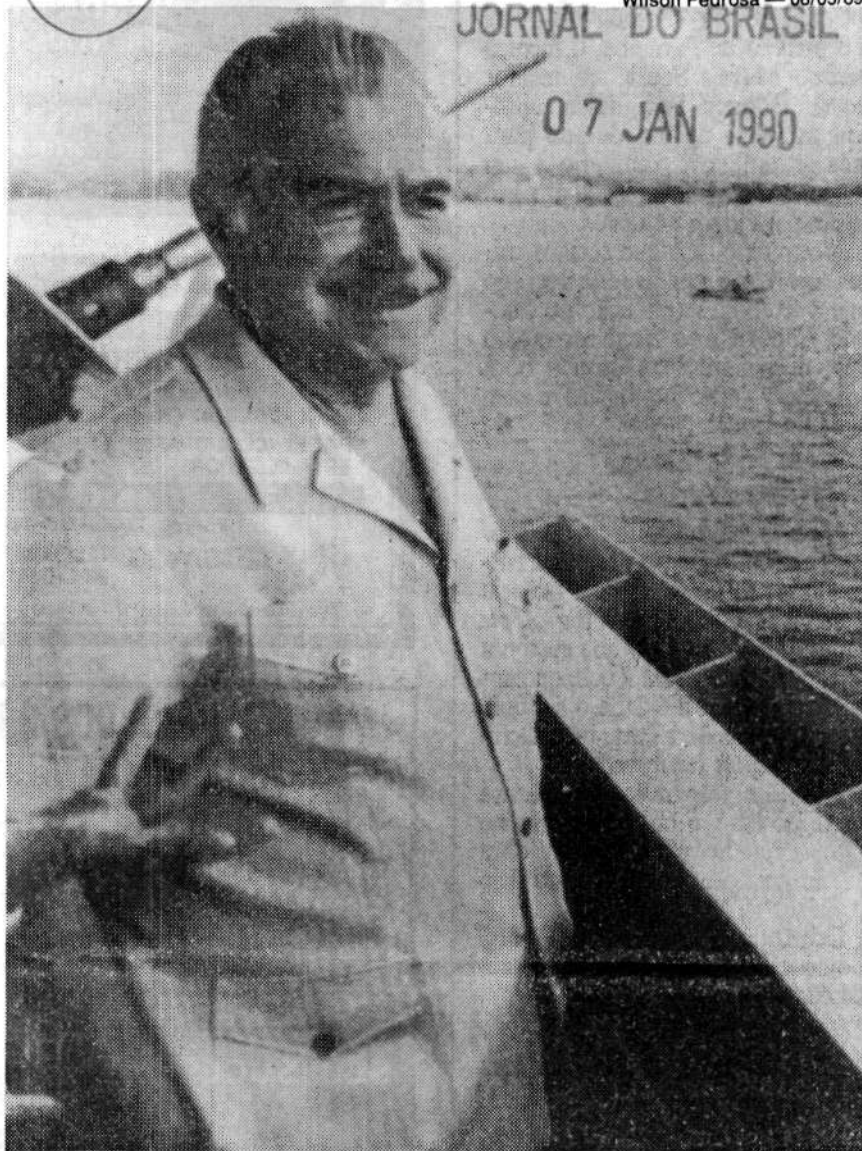
Vitimado por uma crise hipertensiva, alvo dos ataques do então candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, durante a campanha eleitoral, o presidente prolongou seu exílio por mais três dias na Ilha de Curupu, acompanhado pelo médico Messias Araújo, e deixou o Planalto, onde muitos funcionários e assessores entraram em recesso junto com ele, às moscas. Obrigando-se a cumprir o mandato até o fim "para não abrir o precedente de descumprir a Constituição", o presidente entrou o verão como quem hiberna, aguardando o final de seu período.

**Muitas vagas** — Em fins de 1988, depois de uma agenda cheia no último mês do ano, Sarney não se importava em adotar medidas impopulares, como o veto ao salário mínimo proposto pelo Congresso, que acabou reduzido de NCz\$ 64 mil para NCz\$ 54 mil, pouco antes de adotar o controvertido Plano Verão. Após 10 dias de férias, ele deixou São Luis na tarde de 1º de janeiro para reassumir suas funções no Palácio do Planalto no dia seguinte. Este ano, regressando dia 4 de janeiro, o presidente foi da Base Aérea de Brasília direto a seu gabinete, convocou logo o ministro-chefe do Gabinete Civil, Luiz Roberto Ponte, e quis saber de tudo o que se passara em sua ausência.

No prédio de quatro andares da Praça dos Três Poderes, Ponte governou praticamente sozinho durante 14 dias: estabeleceu contatos com a equipe do presidente eleito, Fernando Collor de Mello, expediu atos assinados previamente por Sarney e deu entrevistas diárias aos jornalistas, há muito tempo sem informações diretas de fontes do Planalto.

O estacionamento de quase 400 vagas, defronte ao Congresso Nacional, com apenas 70 veículos em média todos os dias da semana, mostrava que a assiduidade de funcionários e assessores, neste fim de governo, também sofreu alteração. É bem verdade que os freqüentadores do Senado utilizam o pátio para colocar seus carros, mas numa tarde de sexta-feira os espaços vazios se destacaram equívale a afirmar que, mesmo com a volta do presidente, muitos servidores continuavam em recesso.

**Queda no ritmo** — A agenda do presidente José Sarney no mês de dezembro dá bem uma medida da redução no



*Sarney voltou à rotina com compromissos reduzidos*

ritmo de trabalho no Palácio do Planalto neste final de governo. Se, em dezembro de 1988, Sarney teve 94 compromissos e atendeu a cerca de 800 pessoas fora da agenda, no último mês ele só registrou 64 audiências e o número de políticos e visitantes diminuiu para a metade. O que aumentou, entretanto, foram os atos administrativos, providenciando remoção de pessoal, renovação de concessões de rádio, autorização para funcionamento de escolas particulares e demarcação de terras.

No apagar das luzes, o governo redigiu 10 medidas provisórias, enquanto em dezembro de 1988 elas foram apenas quatro. Os decretos executivos cresceram de 265 para 329 e os projetos de lei subiram de 26 para 91 de um ano para o outro. De novembro a novembro, os chamados decretos pessoais cresceram 36%: de 166 para 226.

O nível dos compromissos do presidente tampouco permanece o mesmo. Em primeiro de dezembro de 1988, por exemplo, ele recebeu os deputados Siqueira Campos (PDC-GO) e Jorge Leite (PMDB-RJ); os ministros da Reforma Agrária, Leopoldo Bessone, e da Fazenda, Mailson da Nóbrega; o bispo Jorge Scandar; o presidente da Universidade de Nova Iorque, John Bradem; e terminou o dia atendendo a uma

delegação do Centro Internacional pela Paz, de Assis (Itália).

Em dezembro do ano passado, teve somente cumprimentos do Corpo Diplomático, às 11h, cancelando a gravação de seus poemas para a Biblioteca de Washington, que seria realizada no Palácio da Alvorada porque ainda se reabilitava da crise de hipertensão. Durante os 21 dias que se seguiram até entrar em recesso, Sarney recebeu quase sempre os ministros da Casa e um ou outro estrangeiro. Os parlamentares praticamente desapareceram da agenda, que é elaborada diariamente pelo Gabinete Civil, e governadores ele encontrou apenas dois, ao passo que no ano anterior, sete estiveram a visitá-lo no Planalto.

Da cozinha, no térreo do anexo, ao quarto andar, onde ficam os gabinetes militares, funcionários de todos os escalões se perguntavam como será a vida sob o novo governo. A sala de espera contígua ao gabinete de Sarney ficou praticamente deserta já alguns dias antes do segundo turno da eleição. No silêncio dos corredores carpetados e refrigerados, carentes de burburinho, os seguranças lembravam a agitação que o pouco popular presidente da Câmara, Paes de Andrade, imprime aos corredores, em suas interinidades, e sentiam saudade.